

# O DENTRO E O FORA DE UM VIVER ENTRE FRONTEIRAS

**Vera Lúcia de Oliveira\***

**Resumo:** O artigo é uma tentativa de reflexão e elucidação de um percurso autoral feito a partir de três livros, *O músculo amargo do mundo*, de 2014, escrito em português, *Ditelo a mia madre*, de 2017, escrito em italiano, e *Minha língua roça o mundo*, de 2018, também composto em português. Neles, condenso experiências bem diversas, derivadas de uma dupla perspectiva, o dentro e o fora, o aqui e o lá, o ontem e o hoje de uma poesia possível, num tempo de dispersão e silenciamento de milhões de seres em todos os continentes.

**Palavras-chave:** Poesia brasileira. Poesia italiana. Poéticas contemporâneas.

*L'esilio comporta che si rimanga sempre ai margini, dove l'intellettuale è costretto a inventarsi di continuo ciò che vuole fare perché non ha sentieri tracciati da percorrere.*  
(Edward W. Said)

## 1.

■ **A**s migrações de massa são uma das grandes tragédias do nosso tempo. Indivíduos deixam suas casas e terras impelidos por terrorismo, guerras, carestias, desastres ambientais, causados pelas alterações climáticas. Assistimos, de um dia para outro, à desintegração de inteiras nações, como a ex-Iugoslávia e, mais recentemente, a Síria, um dos países mais fascinantes do Oriente Médio, onde coabitavam havia séculos as três religiões monoteístas.

Por jogos estratégicos de força e poder, dilaceram comunidades, obrigam milhões de pessoas a escapar. Povo em marcha, por todos os continentes, refugiados

\* Università degli Studi di Perugia, Perugia, Úmbria, Itália. E-mail: vera.deoliveira@unipg.it

de todas as guerras, por onde andam, aonde chegam, os migrantes são vistos e tratados com desconfiança e hostilidade, como escória humana, pacotes que se depositam para além das fronteiras. Grupos e partidos políticos identificam nas migrações um perigo iminente, como se estivéssemos sendo invadidos. E, no entanto, as migrações sempre existiram na história da humanidade e contribuíram para plasmar as nações e permitir que se desenvolvessem.

Estamos aqui reunidos para falar e refletir sobre as migrações a partir, sobretudo, das nossas experiências de escritores, que atravessam fronteiras linguísticas, literárias, geográficas, históricas e políticas<sup>1</sup> e são atravessados por elas. E creio que questões como o hibridismo, a memória de vivências em países diferentes e as transformações pelas quais passam os sujeitos migrantes certamente sempre estiveram em nosso horizonte de reflexões.

Posso dizer que já nasci nômade, pois minha família se mudou com frequência, num fazer e desfazer-se de casas, já que o trabalho do meu pai o levava a se locomover por várias cidades do interior de São Paulo. Talvez por isso minha mãe tenha sempre odiado as viagens. E, no entanto, era ela própria migrante e filha de imigrantes, aportados da Itália ao Brasil.

Entender pelo lado de dentro o que é partir e talvez nem chegar, o que são as perdas definitivas, o que são os hiatos entre o Eu e o Outro, o que são as brechas que se abrem dentro, o que são as partes do corpo disseminadas pelos portos, o que são os livros que se carregam, como o caramujo leva nas costas sua casa, sempre foi questão de sobrevivência para todos os que deixam sua terra.

No meu caso, não sou exilada política, não sou refugiada ou deportada, fui à Itália, meu país de adoção, porque quis e posso voltar ao meu outro país, o Brasil. E, no entanto, migrar é uma ferida, mesmo no caso em que o êxito dessa partida se configure como uma mudança para melhor. Segundo Edward Said (2008, p. 127-129), apesar da aura às vezes romântica e quase heroica com que se considera, nas artes e na literatura, a experiência da migração e do exílio, ela gera um sentimento permanente e insanável de fratura: “Os sucessos do exílio são permanentemente invalidados pela perda de algo que se deixou para sempre para trás”. Certamente há diferença de intensidade em tal sensação de perda se a partida foi traumática e definitiva.

Comecei bem cedo a me interessar pelos escritores migrantes, bilíngues ou multilíngues, autores que, de alguma forma, atravessaram confins, conscientes de que quem migra incorpora casas, percalços, caminhos, fronteiras que transpõe. Tal interesse me levou a autores como Giuseppe Ungaretti, Murilo Mendes, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Marina Colasanti, Eduardo Dall’Alba, Julio Martins Monteiro, Mia Lecomte, Gladys Basagoitia, Helga Schneider e outros, que amalgamaram línguas e culturas e elaboraram novas identidades a partir de ajustamentos, que ocorrem em níveis muito profundos da consciência.

Quando recebi o convite para participar deste encontro comecei a pensar em quais escritores poderia propor, onde rastrear reflexões e focalizações que ajudassem a entender o presente. O objetivo era abordar todas essas questões do ponto de vista da pesquisadora e docente de literatura, como é normal nos congressos acadêmicos. No entanto, este é um encontro muito peculiar, de escritores,

1 Essa comunicação foi apresentada no VI Encontro Mundial de Escritores Brasileiros no Exterior, realizado na Fundação José Saramago, em Lisboa, de 22 a 23 de fevereiro de 2019. O texto é inédito.

e tive e tenho vontade de refletir sobre o modo como as fronteiras se interseccionam também dentro de mim, no modo como conciliamos contradições e hiatos, descolamentos entre presente e passado. Sinto continuamente que uma parte profunda quer partir, outra quer voltar; uma se perde por caminhos que se bifurcam, outra busca o útero materno; uma se despede, outra está sentada na porta de uma casa que nem existe mais, chamando vivos e mortos. Um escritor que vive fora do seu país e da sua língua está sempre tentando conciliar espaços e tempos distintos e distantes.

Se inicialmente me pareceu instigante a ideia de tentar elucidar, de alguma forma, um percurso que é quase sempre visceral, em um segundo momento ela se revelou bem mais complexa do que o esperado, pois é mais fácil falar sobre a obra de outros autores do que sobre a própria. Além disso, a visão do autor nunca será provavelmente a mesma de eventuais leitores, e o impulso e a intencionalidade, que levam à concepção de um determinado texto literário, poderão ser alterados ou mesmo negados pelo texto em si, que – enquanto é composto – compõe ele próprio o autor dele.

Tendo presentes tais questões, tentarei percorrer um trajeto que passa pelos últimos três livros publicados, *O músculo amargo do mundo*, de 2014, escrito em português, *Ditelo a mia madre*, de 2017, escrito em italiano, e *Minha língua roça o mundo*, de 2018, escrito em português. Neles capto e condenso experiências bem diversas, derivadas dessa dupla perspectiva e ótica, o dentro e o fora, o aqui e o lá, o ontem e o hoje de uma poesia possível, num tempo de dispersão e silenciamento de milhões de seres em todos os continentes.

## 2.

O primeiro dos três livros, *O músculo amargo do mundo*, foi publicado em um momento em que se vivia, no Brasil, uma atmosfera de otimismo. A conjuntura era ainda favorável, o país crescia, alunos oriundos das periferias ingressavam nas universidades públicas, o Brasil saíra do mapa da fome, as pessoas tinham salários melhores. A crise, que atingiu primeiro os Estados Unidos e depois o sul da Europa, começava a se fazer sentir, mas nem todos percebiam isso. Meu livro, escrito três anos antes, em 2012, parecia dissonante naquele momento, descompassado com a história, tanto é verdade que, em uma apresentação, alguém me disse que tinha gostado dos poemas porque falavam sobre o revés daquela falsa euforia, em que parecia quase proibido alguém se declarar infeliz. Pensei muito naquelas palavras e sei que esse livro nasceu talvez porque o meu olhar era deslocado e estranhante, porque percebia, por trás daquela fachada, a mesma violência contra os que têm pouco ou nada no Brasil. Olhava pelos interstícios daquele complexo universo social, debruçava-me sobre as fraturas que têm mais de quinhentos anos.

O livro nascera de forma singular, em agosto de 2012. Quem conhece São Paulo sabe que o seu centro antigo é uma espécie de formigueiro, onde se concentram tantos aspectos da sociedade brasileira. Andando por ali, a gente desce pela alma deste país, por suas contradições mais chocantes. Sempre amei esse perímetro da cidade, mesmo quando me diziam que não era seguro passar pela Praça da Sé, por exemplo, ou pelas ruas limítrofes. E, no entanto, essas ruas eram uma espécie de peregrinação para mim, ninguém pode entender São Paulo

sem passar por esse território. Edifícios antigos restaurados, que conseguiram escapar da especulação imobiliária e que hoje são centros culturais ou sedes de alguns dos maiores bancos do país, como o Banco do Brasil ou o antigo Banespa (hoje Santander), convivem com cafês, bares, restaurantes, quiosques, butiques e lojas de todos os tipos e para todos os bolsos. Em perene movimento, a Rua do Ouro, a Rua Barão de Paranapiacaba, a Ladeira Porto Geral e a Rua 25 de Março são especializadas, algumas, no comércio de ouro e de pedras preciosas, e, por isso, visitadas por turistas endinheirados, outras estão abarrotadas de pacotilha, frequentadas por uma humanidade errante, aportada de todas as partes do país, com sacolas e pacotes de mercadoria nas costas (são chamados de “sacoleiros”), que revendem nas periferias desta grande nação.

Andando sozinha por ali, encontrando pessoas que passavam por mim como um fluxo ininterrupto, um rio humano de rostos desconhecidos, senti-me só, como se uma espécie de tontura me fizesse cair para dentro. Sentei-me num banco e comecei a olhar ao redor pela pequena Praça Antonio Prado. Ao lado, via uma elegante doçaria portuguesa tradicional, em que entravam e saíam turistas de tantas línguas; ao rés da rua, via alguns vendendo algo, outros pedindo esmolas, outros imóveis em um mundo próprio de alienação física e mental. Num lado da praça, rapazes negros engraxavam sapatos dos clientes da doçaria, diante de uma incongruente estátua de Zumbi dos Palmares. Percebi então, com uma intensidade maior, que, embora ocupássemos os mesmos metros quadrados de calçadas e ruas, não havia fronteira mais nítida e marcada do que aquela. Afinei o ouvido às vozes múltiplas e ao silêncio; olhava de fora para dentro, de baixo para cima das fachadas dos prédios, das igrejas, dos restaurantes onde aquela humanidade, ali no chão, nunca poderia entrar. Senti-me, então, um daqueles fantasmas errantes, sem família e casa, sem identidade e direção aonde ir. E vinham até mim palavras soltas, risos, lamentos, perjúrios, como se o meu ouvido se tivesse ampliado. E tudo me pareceu tão triste daquela posição, tudo tão arraigado nos séculos e tão definitivo...

De retorno à Itália, continuei com aquele sentimento, buscando alimento em autores que amo, como Primo Levi, Guimarães Rosa e, sobretudo, Dostoiévski, lembrando-me do que sobre ele escreveu Hermann Hesse (2012): “Devemos ler Dostoevskij quando nos sentimos no chão [...] e toda a vida nos fere como uma dolente laceração [...]”<sup>2</sup>.

E, enquanto elaborava essa experiência, comecei a escrever os poemas de *O músculo amargo do mundo*, que hesitei em publicar, porque pareciam dissonantes, como já mencionado, em relação a um sentir quase comum naqueles anos, de que o país, crescendo de forma menos desigual, estaria superando suas fraturas.

Eu sabia que o Brasil vivera momentos piores, mas não achava que ele tinha mudado, não percebia isso em profundidade. Os governos Lula e Dilma certamente eram mais inclusivos, mas a sociedade, em muitas das suas partes, continuava a ser pouco solidária. A nova classe média, egressa recentemente, adotava a mesma ótica e os mesmos padrões comportamentais de quem sempre estivera no poder, pouco se importando com os excluídos. Alguns até mesmo se sentiam incomodados com o alargamento, a outros segmentos da população, da

2 “Dobbiamo leggere Dostoevskij quando ci sentiamo a terra [...] e tutta la vita ci duole come un'unica piaga bruciante e cocente [...]”

possibilidade de ocupar esses mesmos espaços, antes considerados de exclusividade da elite. Nas vitrines e gôndolas de livrarias, via enfileirados *best-sellers* de autoajuda com títulos como *A ciência de ficar rico – audiolivro*, de Wallace D. Wattler, de 2014; *Como ser um milionário extremo*, de Azizi Ali, de 2015; *O poder*, de Rhonda Byrne, de 2010; *Como enriquecer na bolsa com Warren Buffet*, de David Clark e Mary Buffett, de 2007; *O seu primeiro milhão*, de Pedro Queiroga Carrilho, de 2011 etc.

Diante disso tudo, deve ter soado realmente dissonante aquela minha poesia que descia pelos desvãos deste país, quando as pessoas falavam de planos de viagens e parecia que felicidade se poderia comprar a prestação. E, no entanto, eu o publiquei, bem sabendo desse descompasso e pensando no que Giorgio Agamben (2009, p. 58-59) define como contemporâneo:

*Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo.*

Os poemas de *O músculo amargo do mundo* são frutos de um deslocamento, sentido desde a infância e certamente aguçado pela experiência da migração. O viver entre fronteiras, se trouxe no início dificuldades de adaptação e inserção em uma cultura diferente da minha, me propiciou uma perspectiva talvez mais profunda, complexa e abrangente do meu país e também da Itália. Esse exílio voluntário é um campo para ser cultivado e nele semeei imagens e palavras, e ele me devolveu um sentimento, não propriamente positivo, de ser sempre estrangeira.

Sei que cultivar a dissonância é necessário para que se possa ver mais e melhor. Em um sentido muito profundo, todo escritor e, sobretudo, todo poeta é um deslocado, um estrangeiro. Pode nunca ter saído de sua terra e será, se viver a poesia com verdade, sempre um exilado. Caminha por fraturas, transgride fronteiras, adentra-se verticalmente nas coisas e pessoas, detém-se em minúcias, perde-se em labirintos e às vezes nem retorna. Se a poesia é dom, se é gratuita e rara, é também rebelde, indômita, radical, impiedosa para com o poeta, usa o corpo dele como um laboratório e absorve sua voz, seu olhar e sua consciência. Não sei se por masoquismo, escolhi a poesia e ela me escolheu, bem consciente que não é mais lida, não se vende e não se compra, não traz prestígio ou poder, conta apenas para uns poucos. Não obstante, e por isso mesmo, sua potencialidade e liberdade são maiores talvez do que as demais artes da palavra.

Sei que, pelos rumos que tomou a poesia contemporânea, fechando-se orgulhosa sobre si mesma como resposta ao ostracismo da sociedade, pensa-se geralmente que ela esteja fora do mundo e que os poetas estejam debruçados em seus malabarismos de linguagem. Quero dizer que a poesia é de fato um outro mundo, mas um mundo subvertido, complexo, que ocupa o dentro e permeia as margens fragilizadas do nosso universo. A poesia ocupa os interstícios e vãos, é o mundo que tentamos salvar do cancelamento, que roubamos ao tempo e ao espaço, que retiramos do fluir de tudo que morre antecipadamente. A poesia é um tempo sempre presente, é o minuto de sessenta segundos, lentos. É pôr-se nesse minuto compacto e denso por inteiro, longo em sua intensidade, infinito

quando nos deitamos nele, roçamos nele nosso rosto, raspamos nossa pele nos ponteiros, moldamos nele nossos corpos.

Eu devia ter uns seis ou sete anos quando compus a primeira poesia, que cantava baixinho, porque nasceu música. Lembro-me de que era um texto rima-do e que o passei para o papel depois de tê-lo ouvido dentro e não revelei a nin-guém aquela novidade. Sentia que era uma espécie de oração ou de fórmula mágica e que as palavras não podiam ser invertidas ou ditas de outra forma. Oração ou música, entendi desde cedo que a palavra nasceu de uma exigência muito profunda de maior compreensão do mundo, de maior consciência.

Vivíamos em um bairro intermediário entre a parte rica e as margens esgar-çadas da cidade. Para ir à escola, transpunha quotidianamente essa fronteira de abandono. Aquilo tudo parecia normal para os adultos, talvez porque quinhentos anos de desigualdade social tenham feito com que até mesmo os mais pobres pensassem que ser pobre era culpa deles. No entanto, para mim, não era nor-mal. Atravessava ruas de casas precárias, onde crianças nos viam passar com nossos uniformes escolares, nossos cadernos e as lancheiras cheirosas para o recreio. Eram crianças que me seguiam e me interrogavam até nos sonhos.

As questões que colocava aos adultos, em um tempo em que não se faziam perguntas, pois vivíamos sob uma ditadura, nunca recebiam respostas convin-centes. Talvez a pior fosse: “Assim é o mundo”. Não era resposta aceitável, e comecei a entrar por aqueles olhos, comecei a ser aquelas crianças e mulheres e velhos, comecei a ser até os cachorros magros, os gatos, as galinhas, qualquer ser que se mexesse, eu era tudo, violava os espaços e me tornava tudo, invadin-do o mundo dos outros. E comecei a ficar triste. Uma psicóloga, a qual devo muito, me disse: “Você tem que definir os limites do seu ser, há uma fronteira que se deve respeitar”. Assimilei o que me dizia, aprendi a delimitar o espaço de minha identidade e a ser mais consciente dele, mas nunca deixei de vivenciar a alteridade. Porque, para mim, literatura é ser o Outro, é tornar-me alguém que não sou, mas poderia ser ou ter sido.

Hoje no Brasil ouço muito dizer que só pode falar da periferia quem é da pe-riferia, que só pode falar do que é ser negro quem é negro, e assim por diante. Para mim, literatura é a forma, talvez, mais radical de despersonalização que exista. Se você não é capaz de habitar o Outro, ou melhor, de deixar que o Outro o habite, pode mudar de profissão, ou de vocação, como queiram interpretar a escrita. Claramente, as experiências e leituras ajudam a conhecer o mundo e a entendê-lo. Pôr-se na pele do Outro pressupõe um grande esforço para mudar de ótica e assumir perspectivas, às vezes, radicalmente opostas às nossas.

### 3.

O outro livro sobre o qual gostaria de me deter sucintamente é *Ditelo a mia madre*, de 2017, escrito em italiano. Dediquei-o a Giulio Regeni, um jovem e brilhante pesquisador italiano, que foi horripelantemente torturado e assassinado no Cairo, em janeiro de 2016. As circunstâncias da sua morte nunca foram escla-recidas pelo governo egípcio, apesar das solicitações da Itália e, sobretudo, da família do jovem. Esse pequeno livro não é certamente a história de Giulio: trata-se apenas de uma tentativa de entender o mal e alcançar pessoas que estão na condição extrema de vítimas inermes da violência, que são despojadas de tudo,



até mesmo do nome e da identidade, como extremo gesto de desprezo, por parte dos que conscientemente e com sadismo torturam e matam.

A questão da dor humana sempre foi para mim algo de incompreensível, uma ferida aberta na consciência, um muro contra o qual sempre me choquei. Desde o início, minha poesia beira esses espaços de abandono, de solidão e dor, desde os primeiros poemas e livros essas reflexões estão presentes.

Ouvi um dia, quando era ainda bem pequena, alguém usar o termo “tortura”. Deve ter sido de um jeito que me assustou. Perguntei o que era a meu pai. Não me lembro de suas palavras exatas, lembro-me do olhar, das mãos suaves que tentavam atenuar o mal. O significado, porém, caiu dentro de mim. Nem o carinho, os gestos, a fala mansa dele naquele dia serviram para diminuir a ferida de ter descoberto quanto pode ser cruel um ser humano. Desde então, essas questões se impuseram ao meu horizonte de reflexão e os estudos que fui fazendo eram e são tentativas de me aproximar desse limiar entre a vida e a morte, para dissecá-lo e possivelmente entendê-lo. Sobretudo, de me aproximar de quem está ali, na condição de abandono e precariedade extremos.

O livro contém um breve *postscriptum*, que cito quase integralmente aqui:

*Enquanto seguia, uma noite, as notícias na televisão, ouvi alguns trechos de uma entrevista feita aos pais de Giulio Regeni, em um encontro coletivo com a imprensa, realizado no Senado italiano em primeiro abril de 2016. Com veemência e dignidade, os pais solicitavam que o governo italiano pressionasse o governo egípcio, para obter a verdade. Respondendo às perguntas dos jornalistas, uma frase de Paola Regeni, a mãe de Giulio, desceu-me à alma. Ele dizia que não tinha ainda conseguido imaginar, ou seja, que não conseguira se projetar na consciência do filho para entender, naqueles momentos extremos, como ele terá visto os seus algozes, com todos os instrumentos analíticos que tinha à disposição. E como terá sido quando percebeu que era o fim de tudo.*

*Comovida por aquelas palavras, disse a mim mesma: como pode uma mãe fazer sozinha essa viagem introspectiva implacável, como pode entrar dessa forma, sem defesas, na dor e na morte trágica de seu filho? E como poderá fazê-lo um pai, um irmão, um amigo, cada um de nós? E, no entanto, é necessário atravessar aquela porta, entrar, abraçar e chorar sobre esses corpos dobrados, vilipendiados, é necessário apertá-los ao peito, embalá-los.*

*É necessário fazer esse percurso, debruçar-se sobre as bordas do mal, perscrutá-lo e depois voltar para tentar de alguma forma destrinchá-lo com a razão. Nietzsche afirmou que a arte existe para que a realidade não nos destrua. É por isso que escrevi este livro (OLIVEIRA, 2017, p. 63, tradução nossa)<sup>3</sup>.*

Nessa entrevista, a mãe de Giulio Regeni referiu que, do corpo alquebrado do filho, reconheceu apenas o nariz. Vieram-me, então, à mente os relatos presen-

3 *“Mentre una sera seguivo il telegiornale, ho sentito brani di un’intervista fatta ai genitori di Giulio Regeni, in una conferenza stampa tenutasi al Senato italiano il primo aprile 2016. Con forza e dignità loro chiedevano che il governo italiano si impegnasse presso quello egiziano per avere la verità. Rispondendo alle domande dei giornalisti, una frase di Paola Regeni, la madre di Giulio, mi è scesa nell’anima. Diceva di non potere immaginare, e cioè di non riuscire a proiettarsi nella coscienza del figlio per capire, in quei momenti estremi, come avrà guardato i suoi aguzzini, con tutti gli strumenti analitici che aveva a disposizione. E come sarà stato quando ha capito che tutto era finito. Toccata da quelle parole, mi sono detta: come può una madre fare da sola questo percorso introspettivo spietato nel dolore e nella morte tragica di suo figlio? Come può farlo un padre, un fratello, un amico, ognuno di noi? Eppure, bisogna varcare quella porta, entrarci, bisogna abbracciare e piangere su quei corpi piegati, bisogna tenerli stretti, cullarli. È necessario fare questo percorso, affacciarsi sul male, scrutare il male e poi tornare per cercare di raccontarlo. Ha affermato Nietzsche che l’arte esiste affinché la realtà non ci distrugga. Per questo ho scritto questo libro.”*

tes no livro *Brasil: nunca mais*, publicado em 1985 pela Arquidiocese de São Paulo e Editora Vozes, fruto de uma pesquisa corajosa, atenta e documentada, que reconstrói os métodos de segregação e tortura praticados durante a ditadura brasileira, com depoimentos terríveis dos prisioneiros e as circunstâncias em que foram presos e para onde foram levados; eram quase sempre prisões clandestinas, de onde muitos jamais saíram vivos. Li esses relatos então, apesar do sofrimento que me causavam, li-os por dever ético, religioso e moral. A tortura foi prática constante durante a ditadura militar, e os brasileiros não refletiram suficientemente sobre isso, não elaboraram essa violência do poder e a dor e o luto das suas vítimas. O fato de que a história não tenha sido suficientemente recuperada e reelaborada explica o momento atual brasileiro, em que há uma tentativa de subvertê-la e de negar a verdade.

Essa minha experiência, essa bagagem de memórias fez com que me aproximasse quase espontaneamente da história de Giulio Regeni e que, de alguma forma, me identificasse com ela, como se ele fosse também um dos tantos jovens presos e torturados no Brasil, na América Latina, na África, onde há prisões e abuso de poder e onde um sádico violento pensa que poder dispor da vida de outro ser humano.

Por outro lado, outra questão crucial se impôs naquele momento: como lidar com um conteúdo dessa dimensão e dramaticidade? Pode um escritor adentrar-se por tais caminhos? Tem direito de fazê-lo? E como sair deles depois? E como fazer com que ali dentro não fique o leitor? E que língua usar? São problemas que iam surgindo, rapidamente, e que tinha que resolver.

Instintivamente, pensei que a língua apropriada deveria ser a italiana, que funcionaria como fio de Ariana, que me acompanharia até onde eu pudesse ir e, com ela, depois voltar pelo mesmo caminho.

Muitas palavras, nesse percurso, quase me caíam das mãos, não no papel, não na mesa, mas no chão, porque sentia que se partiam e que não poderiam ser utilizadas na escrita. Ensaiei várias vezes, ia e voltava, até que sem perceber comecei a entrar e parecia que levava comigo uma lâmpada, porque ia vendo paredes, grades, escritas nos muros, frio, sombras, umidade. E ouvia barulhos, rumores de chaves, lamentos, o mínimo rumor de formigas indo e vindo por pequenos orifícios escavados nos tijolos. Se me perguntarem se isso se deu pela imaginação, responderei que sim, talvez, mas direi também que foi tão real quanto a minha própria vida e me transformou por dentro.

Esse livro é, porém, também uma afirmação de impotência. E de novo recorro às lúcidas palavras de Primo Levi (1987, p. 658-659, tradução nossa), quando narra outras experiências traumáticas:

*Passados tantos anos, pode-se dizer hoje que a história dos Lager foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu mesmo, não perscrutaram até o fundo esse abismo. Os que o fizeram não retornaram, ou, se o fizeram, a capacidade de observação terá sido paralisada pelo sofrimento e pela impossibilidade de apreendê-lo por dentro<sup>4</sup>.*

4 "A distanza di anni, si può oggi bene affermare che la storia dei Lager è stata scritta quasi esclusivamente da chi, come io stesso, non ne ha scandagliato il fondo. Chi l'ha fatto non è tornato, oppure la sua capacità di osservazione era paralizzata dalla sofferenza e dall'incomprensione."



Não sei se poderia ter escrito esse livro em português. Ele estava dentro desde sempre, como exigência de respeito pelas vítimas dos 20 anos da ditadura no Brasil e pelas vítimas de hoje, como Marielle Franco e outras. Certamente a história trágica de Giulio Regeni exigiu um posicionamento e uma indagação ética, e a língua italiana me forneceu os instrumentos para efetuar-lo.

A história narra com distanciamento e objetividade; o jornalismo narra o que é documentado. Cabe então à arte e, sobretudo, à literatura preencher os espaços vazios e recuperar, com empatia e respeito, as vozes silenciadas, porque a palavra poética pode chegar a todos os lugares, pode forçar portas e cruzar fronteiras.

#### 4.

O último dos três livros abordados aqui, *Minha língua roça o mundo*, foi publicado em 2018, pensado e composto em português. Diverso dos dois anteriores, é talvez mais intimista e se debruça sobre a experiência do deslocamento e da migração em suas ressonâncias interiores mais profundas.

Como para todos os que se distanciam do lugar em que nasceram, há momentos em que é preciso retornar e refazer os passos, recuperar o silêncio do que não é mais e talvez nunca tenha sido. Se há ainda a casa onde crescemos, se os móveis estão ali, não estão as pessoas. A distância distorce e, por vezes, exacerba a memória, e é normal que busquemos nos objetos, nas fotos, nas cartas sinais de todos os seres que amamos. Abrimos guarda-roupas, revistamos gavetas, onde repousam antigas toalhas rendadas, vestígios de vidas, evidências de um tempo, resíduos do que se recusa a morrer. Os rabiscos num cimento fresco há 30 anos, a Bíblia amarelada que o pai lia todo dia, e os livros, discos, quadros, as vidas são reconstituídas por fragmentos e restos.

No livro *Minha língua roça o mundo*, o português materno me acompanha por essa espécie de peregrinação pela casa da infância. As palavras se impregnam dessa substância, em que emergem as figuras materna e paterna, em momentos e ações quotidianos. Transeunte de mim mesma, perambulo por minha alma. A memória é um quarto abarrotado de objetos, acontecimentos, pessoas, animais, que arrastamos conosco numa espécie de arca ou mala incorpórea, felizmente não detectada nos aeroportos, mas não por isso menos real.

Ao contrário dos livros anteriores, esse foi sendo escrito aos poucos, muitos meses depois da morte de minha mãe. Perdendo-a, tive a sensação de ter perdido uma língua, um país, um lugar no mundo, um porto por onde voltar, uma porta por onde passar, uma cadeira na sala, um fogão aceso com a refeição pronta, a mesa de Natal, os momentos de compartilhamento entre mãe e filha, as palavras ditas e as não ditas, os gestos, por vezes, gastos ou ríspidos, o ritual do abraço.

Não posso dizer que não haja um distanciamento crítico no modo como tudo isso é visto e sentido por um outro Eu, que, no momento da escrita, quase me é estranho, pois é como se me visse contemporaneamente pelo lado de dentro e pelo lado de fora. O poeta, nessa triagem, se torna objeto de si mesmo, tem sua história devassada e a protege como pode. O resultado é um compromisso entre as duas dimensões, uma aproximação suficientemente distante, para que o eu autoral não se sinta nu diante de um possível leitor.

Por outro lado, não é possível passar da vida para a literatura sem que a língua funcione como instrumento de análise e conhecimento do mundo. O título escolhido, *Minha língua roça o mundo*, denota todo um esforço de captar o que há de concreto de uma existência e de transformá-lo em palavra concisa e, ao mesmo tempo, verdadeira. Se isso foi conseguido, não sei, mas foi buscado ardentemente. Terminei essas reflexões com um poema, significativo desse esforço de indagação e perscrutação perenes, que vivo desde quando percebi em mim uma consciência, uma individualidade, um modo de ser e estar no tempo e espaço:

*nasci de uma aranha  
que me fispou por dentro  
com seu fio de visgo  
que defende a greta  
aberta na madeira*

*o brilho felpudo  
enlaçou meu pulso*

*e aprendi ali  
que toda beleza  
tem custo*

Para concluir, gostaria de dizer que, no cruzamento de memórias, culturas e línguas, há espaços que a literatura ocupa e habita, e desses espaços é possível ainda, aliás, é necessário, que o escritor aguace o olhar para ler e interpretar o nosso passado e o nosso presente tão dilacerado.

#### THE INSIDE AND THE OUTSIDE OF LIVING BETWEEN BORDERS

**Abstract:** The article is an attempt to clarify and reflect on my authorial journey through three books, *O músculo amargo do mundo*, published in 2014, written in Portuguese, *Ditelo a mia madre*, published in 2017, written in Italian, and *Minha língua roça o mundo*, published in 2018, also in Portuguese. In these books, I condense very different experiences, derived from a double perspective, the inside and the outside, here and there, yesterday and today of a possible poetry in a time of dispersion and silencing of millions of human beings on all continents.

**Keywords:** Brazilian poetry. Italian poetry. Contemporary poetics.

#### REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, A. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução V. N. Honneth. Chapecó: Argos, 2009.
- HESSE, H. Posfazione. In: DOSTOEVSKIY, F. M. *L'idiota*. Traduzione E. Maini e E. Mantelli. Milano: Oscar Mondadori, 2012. Disponível em: <https://millesplendidilibri.wordpress.com/2018/02/22/leggere-dostoevskij-hermann-hesse/>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- LEVI, P. *Opere complete*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1987. v. I.

- OLIVEIRA, V. L. de. *O músculo amargo do mundo*. São Paulo: Escrituras, 2014.
- OLIVEIRA, V. L. de. *Ditelo a mia madre*. Rimini: Fara Editore, 2017.
- OLIVEIRA, V. L. de. *Minha língua roça o mundo*. São Paulo: Patuá, 2018.
- SAID, E. W. Riflessioni sull'esilio. Traduzione Stefania De Petris. *Scritture Migranti – Rivista di Scambi Interculturali*, Bologna, p. 127-129, 2008. DOI 10.1400/101952.

Recebido em 2 de julho de 2019.

Aprovado em 3 de agosto de 2019.